

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DA GRAVURA NA ARTE OCIDENTAL COMO MEIO DIFUSOR DA ARTE ERÓTICA E SEUS PROPÓSITOS CRÍTICO-POLÍTICOS. ⁱ

Juzelia de Moraes Silveira- UFSM/RSⁱⁱ

juzeliamoraes@gmail.com

Resumo

O presente artigo constitui-se como parte integrante da dissertação de Mestrado em Artes Visuais da UFSM/RS, que possui como título provisório "O que há por trás do olhar obsceno de Robert Mapplethorpe", o qual busca abordar a discussão acerca da produção artística de cunho sexual por meio do paralelo com obras de Mapplethorpe, um dos maiores representantes da esfera artística a utilizar-se deste mote. Para tanto, o artigo em questão faz um breve mapeamento da abordagem da sexualidade na arte buscando discutir os propósitos da arte de cunho sexual. Centrado na investigação da gravura como meio de produção das obras em questão, observa-se a relevância desta linguagem na difusão e discussão da sexualidade devido a sua característica de reprodutibilidade. Deste modo, busca-se estabelecer uma relação com a linguagem fotográfica, utilizada por Mapplethorpe e também marcada por sua capacidade de reprodução técnica. Destarte o artigo visa à análise destas questões a fim de melhor discutir os processos de produção da arte erótica e pornográfica e seu reflexo na arte contemporânea.

Palavras-chave: gravura; arte erótica; arte contemporânea; reprodutibilidade.

Abstract

This paper presents itself as an integral part of the dissertation of Master of Arts in UFSM / RS which has provisionally as "What behind the eye of Robert Mapplethorpe obscene", which seeks to raise discussion about the artistic production of sexual slant through the parallel with works by Mapplethorpe, one of the greatest representatives of the artistic sphere to be used with this slogan. To this end, the article in question is a brief survey of sexuality in art approach of seeking to discuss the purposes of sexual art of embossing. Centered in research as a means of engraving production of the works in question, there is the relevance of this language in the dissemination and discussion of sexuality because of their characteristic of reproducibility. Thus, the search is still establish a relationship with the language photographic used by Mapplethorpe and, it also marked by their ability to reproduce art. Thus the article aims to examine these issues in order to better discuss the processes of production of erotic art and pornography and its consequence in contemporary art.

Key-words: engraving; erotic art; contemporary art; reproducibility.

A arte erótica, marcada pela diversidade de linguagens que a utilizam como mote para investigações artísticas contemporâneas, possuiu como grande linguagem impulsionadora a gravura, determinando normas e padrões que conferem a atual estrutura cultural ocidental. Comumente estas normas seguiram uma estrutura definida por objetivos políticos, estabelecendo entre o erotismo e a pornografia, aliados ao caráter reprodutivo da gravura, um meio de expressar oposição aos poderes dominantes.

Em inúmeras obras do século VIII percebe-se a considerável divergência entre posturas morais do Ocidente e do Oriente perante a sexualidade e seu caráter cultural. Enquanto a compreensão da importância da instrução sexual e a naturalidade de abordagem do tema mostravam-se

imperativas na educação dos orientais, a Europa, por sua vez, marcada pela severidade e intransigência, conferidas pela Idade Média, demonstrava em suas rígidas leis e concepções o desprezo pelo desejo carnal como um ideal a ser seguido e exaltado, um caminho totalmente adverso ao da cultura oriental.

No Japão do século VII – enquanto a Europa ainda apreciava todos os outros aspectos da Idade Média –, livros didáticos e manuais sexuais muito bem produzidos e romances eróticos elegantes já estavam amplamente disponíveis. (..) No Japão a idéia de educação sexual não é apenas tradicional. Trata-se de um conceito cultuado nos mitos de criação do país. (Hill e Wallace, p. 41, 2003)

A cultura oriental permite compreender que a pornografia, o material teórico e (de imagens) sobre sexo, apresenta-se anterior ao século XVI, como aponta Lynn Hunt (1999) em seu livro “A Invenção da Pornografia - A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800”, e que tal fator é de suma importância para se estabelecer uma análise que se proponha a observar a cultura sexual e seu desenvolvimento em etnias distintas.

É importante ressaltar que o presente artigo não visa à investigação e a comparação entre as distintas culturas. A referência à cultura oriental aqui é utilizada como forma a reforçar a milenar repressão sexual na cultura ocidental e, a notada discrepância entre os desejos humanos e as posturas adotadas frente a estes desejos, marcados no ocidente. No decorrer da investigação tratar-se-á da conceituação da moral em nossa sociedade, esta virá evidenciar a relevância do paralelo entre culturas distintas, neste caso, delimitado pelos dois extremos mundiais: Oriente e Ocidente.

Embora o erotismo fosse visto sob as concepções moralistas e repressoras da Idade Média – marcada pelas concepções de Santo Agostinho, que compreendia o ato sexual como uma ruptura entre o corpo e a alma – a arte erótica e a pornografia faziam-se presentes na sociedade, mesmo que de forma velada e muito receosa. Ainda que a gravura só tenha sido descoberta no Ocidente no final da Idade Média e que a arte de cunho sexual deste período seja conferida pela linguagem pictórica, a investigação acerca da arte erótica desta época tem por objetivo principal reconstituir em torno do conceito moral estabelecido, sobretudo pela Igreja, as raízes das concepções morais, dos preconceitos, no passar dos anos.

Por meio dos estudos de Kant, pode-se traçar uma reflexão acerca da moral e de sua relevância na instauração de concepções no que tange à sexualidade em âmbito social. Para Kant a moral era definida pela pujança da razão sobre as ações humanas, onde a sensibilidade e as atitudes impulsionadas pelo prazer (compreendido aqui não apenas em seu caráter sexual) seriam totalmente estranhas às condutas morais. Desta forma, pode-se perceber que os instintos e, neste caso, sua ligação com a sexualidade, seriam contrárias à razão e, conseqüentemente, alheias à moral.

Percebemos de acordo com a teoria de Kant uma razão quase castradora, como se os desejos e instintos estivessem totalmente aquém à racionalidade, o que comumente é apontado no que diz respeito à sexualidade, como se esta estivesse limitada invariavelmente aos instintos, totalmente adversa à razão. É nesta questão, que por muito parece ancorado o preconceito em torno da sexualidade, quando esta nos leva a negação do atributo que nos garante a diferença (e superioridade) entre os animais: a razão.

Quando Kant discorre sobre a liberdade, a consciência e emprego individual da razão, mesmo quando estas são tomadas de acordo com considerações em relação ao outro, de certa forma parece ignorar que quando se põe em jogo os desejos mais intensos, estes acabam por definir uma concepção racional e, pensando por este viés, a sexualidade poderia ser utilizada como bem se entendesse, apenas tomando como princípio o respeito para com os demais indivíduos da determinada sociedade. Assim, o grande ponto fundamental da questão seria definido pelo binômio público/privado, o qual será abordado no decorrer da explanação.

Retornando ao domínio da moral, percebe-se que não há como limitar os preconceitos que circundam a sexualidade a uma moral que julga-nos pela resistência à utilização da razão, pois desde os tempos mais remotos a sexualidade esteve intrinsecamente ligada a questões políticas e freqüentemente marcadas pelos interesses da Igreja. A pornografia e arte erótica, deste modo, surgiriam como um meio de protesto, como uma forma de criticar tanto a Igreja, como os poderes vigentes em determinados períodos.

Fato importante a salientar-se a respeito da posição de muitos fiéis em relação à Igreja neste período, é que muitas obras do século XVIII apresentam,

como forma de demonstrar sua oposição ao Iluminismo, romances repletos de gravuras onde monges e padres aparecem praticando atos sexuais. Tais registros confirmam o relevante papel da gravura em discussões de cunho político, e permitem um olhar diferenciado acerca da função das imagens eróticas e pornográficas, em que se confirma a utilização da sexualidade como tema de obras deste período como função prioritariamente crítica perante os grandes poderes da sociedade.

Hunt (1999) na obra *A Invenção da Pornografia*, traça o histórico da pornografia, sobretudo no ocidente e aponta para esta utilização de imagens de cunho sexual como forma de crítica política. Hunt, por meio de um paralelo entre a sociedade – suas crenças e ideologias – e o desenvolvimento do material impresso contendo atos sexuais, nos afirma a utilização da sexualidade como meio de criticidade perante padrões impostos que, por muito tomavam sentido oposto aos desejos (não apenas carnis) de uma determinada sociedade. Contudo, Hunt demarca o surgimento da pornografia apenas no século XVI e comenta que esta se desenvolveu simultaneamente à cultura do material impresso. Esta utilização de imagens pornográficas, com intuito político, contendo nobres e clérigos em atos considerados pecaminosos também é abordada em “*Erótica – uma antologia ilustrada da arte e do sexo*”, citada na seguinte imagem:



A imagem é do séc. XVIII e possui autor desconhecido.

A grande maioria destas imagens contendo atos sexuais possui autor desconhecido, o que evidencia tanto o temor da classe contrária aos poderes, devido à utilização destas imagens de forma a criticá-los, como o temor gerado pela ousadia de abordar a sexualidade de forma tão explícita, ignorando as condutas impostas pelas leis morais. Neste caso, independente de propósitos

críticos-político, estas imagens acabavam por transgredir as leis novamente, mesmo que de modo não intencional.

Um vasto material contendo não apenas plebeus e prostitutas, mas inúmeros nobres em atos sexuais (e surpreendentemente em posições não convencionais) pode ser encontrado em obras que registram certa dissimulação quanto a posturas morais e ousadia em burlar imposições, tendo em vista a era tão marcada pela mão-de-ferro da Igreja, que se opunha veementemente a práticas sexuais sem propósito reprodutivo.

Quanto à questão do explícito em conteúdos visuais sexuais, este aponta para a relevância de se estabelecer uma diferença entre o que é compreendido por arte erótica e pornografia, mote para inúmeras discussões na Arte Contemporânea e, que sob uma herança moral incutida, defende freqüentemente qualquer produção que utilize o sexo para sua construção, como erótica e não pornográfica, como forma de fugir ao pejorativo.

Historicamente a pornografia tem seu significado ligado ao caráter comercial do sexo. O termo, comentado por Hunt (1999), deriva do grego *pórne*, que designaria prostituta enquanto *grafe* significaria representação, explicitando a questão comercial presente no termo, visto que a prostituição é caracterizada pelo ato sexual realizado como um serviço prestado, evidentemente com determinado valor. Entretanto, na atualidade este significado é acrescido ao caráter de representações explícitas, o que seria seu grande diferencial em relação ao erótico, que por sua vez seria compreendido como uma insinuação do sexo, com características românticas, isto conferido, sobretudo pelo fato do termo ser originário da figura mitológica de Eros – Deus do amor.

Lúcia Castelo Branco (2004) comenta ainda a respeito da diferenciação dos termos estabelecida pela sociedade, que “uma das distinções mais corriqueiras que se fazem entre os dois fenômenos refere-se ao teor “nobre” e “grandiosos” do erotismo, em oposição ao caráter “grosseiro” e “vulgar” da pornografia.” Seguindo esta concepção, o material analisado no presente artigo estaria muito mais ligado à pornografia do que ao erotismo, todavia, o limiar sutil que se coloca muitas vezes entre as definições dos termos, sugere o emprego de ambos como forma de se ampliar à possibilidade investigativa acerca da utilização do tema na arte e, sobretudo visa não esbarrar no

corriqueiro preconceito comentado, em que apenas o sexo não explícito poderia ser dotado de valor artístico.

Além dos inúmeros artistas que trabalharam o erotismo utilizando a gravura como linguagem para suas criações, vale ressaltar a importância de Francisco de Goya, que em meio a uma sociedade ainda comandada pela tirania da Igreja e por uma moral um tanto dissimulada do poder imperial, nos aponta, ao contrário da grande maioria dos artistas deste período, uma burguesia ao qual contesta por meio de sua arte, fazendo por vezes da ironia sua aliada na crítica velada ao poder vigente.

Contrária à forma com que critica os imperiais, ao abordar questões que tangem a sexualidade na dada época, Goya coloca-se de modo mais moralista sob os padrões estipulados pela Igreja, em que não apenas as obras nos causam certo espanto e simultaneamente certo inconformismo, como quando incorporados a seus títulos acabam por definir esta sensação com maior intensidade, como se nos comprovasse por meio de um escárnio sutil, os vícios de uma sociedade em torno da questão sexual no período em questão.

A obra “Deus a perdoe: e era sua mãe”, da série “Os Caprichos”, nos demonstra com maior clareza a questão comentada, quando a imagem da mãe aconselhando uma filha a prostituir-se, provoca certa indignação por parte do espectador, mas que, entretanto se apresenta em concordância com a atualidade.



“Deus a perdoe: e era sua mãe” - Francisco de Goya (1799)

Interessante apontar, como já foi comentado anteriormente, que a cena datada há mais de duzentos anos não nos parece tão distante às

situações vivenciadas na contemporaneidade, sobretudo em nossa cultura. Contudo, surpreende-nos por um momento pela distância temporal, mas logo depois confirma o óbvio muitas vezes ignorado, ratificando que os problemas que evocam a sexualidade na contemporaneidade têm suas raízes mais profundas na sociedade burguesa, em que a preocupação com a propriedade privada deu moldes de atividade comercial à sexualidade. Este assunto é amplamente abordado por Carlos Winckler em seu livro “Pornografia e sexualidade brasileira”, em que comenta a questão da sexualidade sem ligações com o prazer e aliada a questões lucrativas.

O sexo podia estar dissociado de sentimentos de ternura, o ato sexual com conotações de sensualidade era mal visto. O casamento na forma de um contrato unia o casal para sempre, além de estar vinculado a interesses econômicos mesmo quando alimentava imaginariamente o amor romântico. (p. 30)

Esta associação do sexo com funções econômicas, além de restituí-lo à condição de método reprodutivo, também acaba por incentivar sua prática com finalidades que visem o lucro, neste caso, incentivando a prostituição, visto que esta confirma relações de poderes determinados pelo dinheiro. Retornando novamente ao foco da sociedade burguesa, esta demonstra claramente a questão apontada, em que sabe-se, a nobreza comumente se utilizava de serviços prestados por prostitutas.

O modo com que Goya nos aponta a questão da sexualidade, independente do fato de muitos autores defenderem que o artista não tinha o propósito de colocar-se criticamente frente à sociedade, demonstra um intenso julgamento acerca da postura moral tanto da nobreza, quanto dos plebeus. No caso da prostituição, Goya ainda nos coloca duas diferentes posturas, na primeira demonstra certa compaixão pelas prostitutas de uma camada mais simples, que sofrem além das penas da profissão, extorsão das autoridades.

Partindo-se da premissa de que a gravura tem como uma de suas características principais a possibilidade de reprodução, vislumbra-se a questão acerca de como este fator exerceu importância na forma de difundir tanto concepções referentes ao sexo como, de certa forma acabou por estabelecer relações de comunicação entre indivíduos de uma dada sociedade, em um determinado período histórico. A utilização da gravura como meio

difusor destas imagens de cunho erótico e pornográfico toma consistência quando aliada à literatura, apreendendo em sua história uma questão que aponta novas considerações acerca do domínio do público e do privado, em que a rede estabelecida pela circulação destas imagens constitui um limiar muito tênue entre estas duas propriedades.

Quando Lynn Hunt (1999) discorre acerca desta questão, deixa clara a constituição do privado quanto ao acesso de imagens eróticas e pornográficas, quando estas fariam parte de acervos de nobres, que deteriam o poder de exposição deste conteúdo visual sobre sexo, por meio de um quase ritual da nobreza, em que um público seletivo seria convidado a apreciar estas obras, criando assim certa aura em torno destas imagens (o que fortaleceria o interesse do público sobre estas) e, colocando a pornografia e a arte erótica como mais um artifício excludente de uma sociedade estigmatizada pela desigualdade entre classes sociais.

É importante observar que grande número de obras que denotam um caráter erótico foi produzido em um período em que, ao contrário dos atuais, não havia grande circulação de imagens que explicitassem ou sugerissem sexualidade. Obviamente não se pode ignorar o fato de que os meios de comunicação ainda não possuíam a considerável abrangência que possuem hoje, contudo, também é necessário lembrar que as concepções acerca da sexualidade apresentavam-se de forma mais radical quanto à moral. Desta forma, as gravuras como registro de práticas sexuais, freqüentes nestas épocas, vêm a demonstrar o quanto as concepções contemporâneas que permeiam questões referentes à sexualidade, estão estreitamente próximas às de uma era marcada por um certo puritanismo.

Na contemporaneidade o que se encontra é uma arte freqüentemente desenvolvida sob o ensejo de provocação, que por vezes se dá através de imagens que buscam chocar o espectador, deste modo, é comum a utilização de imagens que busquem na sexualidade esta reação de assombro e, sucessivamente desgosto ou desaprovação, questão comentada por autores como Hal Foster e Júlia Kristeva, quando analisam o realismo chocante da arte atual e, assinalam a presença determinante da sexualidade neste processo.

Contudo, observando o quanto à sociedade atual aborda o assunto, o quanto é atraído por ele e, contraditoriamente reage com revolta ou choca-se

com sua explicitude, perceberemos que o intervalo de tempo entre a Idade Média e a era contemporânea não se diferencia significativamente quando o tocante é a sexualidade. Ao contrário, demonstra-se surpreendentemente tão moralista quanto a sociedade dos séculos anteriores.

A análise da influência da gravura como meio difusor e impulsionador de concepções, permite que se compreendam as posturas da sociedade de uma determinada época sobre desejos, aspirações, conceitos e preconceitos. Deste modo é possível traçar aspectos referentes à sexualidade que nos levam a vislumbrar os pontos anteriormente citados e que contam as atitudes de uma sociedade contrária, mas curiosa quanto a estas questões. Estas gravuras, sobretudo permitem perceber o intuito da utilização do erotismo e da pornografia como um meio para a crítica político-social dos artistas.

Todavia, o legado histórico da arte erótica e pornográfica, quando analisada pelo prisma da intencionalidade crítica e política, por vezes deixa dentro do cenário artístico contemporâneo a sensação de em meio a sua trajetória, ter tomado um caminho mais voltado para a transgressão do que seguido seu princípio inicial fundamentado na crítica, retirando em dados momentos o propósito crítico-social da arte.

ⁱ Artigo final da disciplina de Poéticas Visuais na Contemporaneidade.

ⁱⁱ Acadêmica do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria, orientada pelo Professor PhD. Ayrton Dutra Corrêa.

Bibliografia e Sites Utilizados:

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BASTOS, Fernando José Menezes. **Panorama das idéias estéticas no ocidente**. De Platão e Kant. Brasília, Editora: Universidade de Brasília, 1987.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

OSTROWER, Fayga. **Goya, Artista Revolucionário e Humanista**. São Paulo: Editora Imaginário, 1997.

HILL, Charlotte; WALLACE, William. **Erótica** - uma antologia ilustrada da arte do sexo. São Paulo: Ediouro Publicações S/A, 2003.

HUNT, Lynn. (org.) **A invenção da pornografia** - A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800. São Paulo: Hedra, 1999.

WINCKLER, Carlos Roberto. **Pornografia e sexualidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

www.consciencia.org/agostinhoangelo. (capturado do site no dia 28/06/2007).

www.anarkasis.com/eroticon. (Capturado no dia 01/07/2007).

<http://www.artesdoispontos.com> . (capturado do site no dia 28/06/2007).

Juzelia de Moraes Silveira é Bacharel e licenciada em Artes Visuais-Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria-UFSM. Atualmente realiza mestrado na Universidade Federal de Santa Maria, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura – GEPAEC, diretório CNPq e do Grupo EDUARTE – Educação e Arte.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.